



# CHURCHILL

Quais as razões que levaram Churchill a mudar para o Partido Liberal em 1904?



por **FILIPA DO AMPARO**

MESTRANDA DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

“ Num Estado governado por um sistema parlamentar, a pátria de um político é o seu partido. É nele que vive, que tem de se impor e de mostrar o seu valor. (...) Para um político, mudar de partido, em particular num país como Inglaterra, onde há dois partidos que se opõem ferozmente, é o mesmo que imigrar. Mais, é como desertar perante o inimigo. Quem o faz assume uma desvantagem política quase insuportável: para o antigo partido é um traidor, para o novo é um estranho suspeito”

SEBASTIAN HAFFNER

**N**o dia 1 de Outubro de 1900 Churchill é eleito deputado por Oldham e a 14 de Fevereiro de 1901 já com 26 anos ocupou o seu lugar na bancada conservadora da Câmara dos Comuns que formava então governo. No dia 31 de Maio de 1904 senta-se do outro lado, na bancada da oposição liberal. O objectivo deste ensaio é tentar compreender quais as razões que o fizeram mudar de partido com base na leitura do que Churchill foi fazendo e dizendo nos seus discursos, dos telegramas e cartas que escrevia, do que os seus contemporâneos disseram e escreveram, e do que os autores posteriores escreveram.

## GUERRA DOS BÓERES

Neste ponto, não é possível falar-se de um confronto ou conflito directo entre Churchill e o Partido Conservador. Churchill não estava do lado dos Bóeres, nem sequer estava contra a Guerra dos Bóeres, porém, reconhecia que a guerra já decorria ao tempo suficiente e era essencial criar condições para a rendição dos Bóeres e para a paz<sup>1</sup>.

No dia 28 de Fevereiro de 1901 no seu discurso no Parlamento, os conservadores ofenderam-se quando afirmou que “se eu fosse um bóer desejaria estar a lutar no campo de batalha”. Esta declaração não mostra o seu apoio aos Bóeres, apenas que muitas vezes o patriotismo subleva-se a qualquer cálculo moral, a argumentos de direito e a discussões sobre o exclusivo da razão<sup>2</sup>.



Provavelmente por ter estado envolvido em três guerras estava muito consciente das consequências da guerra apelando sempre à necessidade de fazer todos os esforços para acabar com a guerra na África do Sul porque, segundo as suas palavras, ‘o fosso de ódio entre Bóeres e Britânicos é cada vez maior, e todos os dias a devastação e a ruína reinam em largas áreas’. Churchill compreendia que prolongar a guerra seria alimentar ódios e vinganças que só terminariam quando nenhum homem restasse de pé. Acima de tudo Churchill alertava para a necessidade de destruir as memórias de morte e sofrimento através do esforço conjunto de realizar a paz. “We desire a speedy peace and the last thing in the world we want is that this war should enter upon a guerrilla phase. Those who demand ‘an eye for an eye and a tooth for a tooth’ should ask themselves whether such barren spoils are worth five years of bloody partisan warfare and the consequent impoverishment of South Africa.”<sup>3</sup>

Houve momentos em que ele condenou a Guerra dos Bóeres mas, simplesmente na forma do governo agir na sua prossecução, acusando-o de desrespeitar a dignidade e liberdade humana. “... Churchill protestou publicamente contra a execução de um comandante bóer pelas autoridades militares britânicas na África do Sul e trabalhou nos bastidores para impedir a execução de outro comandante: «Estava revoltado com o “jingoísmo”», explicou trinta anos depois.”<sup>4</sup> Churchill acusou também as autoridades militares de terem abusado dos seus poderes, ao abrigo da lei marcial, quando recusaram a um jornalista bóer autorização para ir a Inglaterra em visita, simplesmente por ter estado preso 12 meses.



Por fim, é importante fazer uma última referência neste ponto à desilusão demonstrada por Churchill quando reflectia sobre a discrepância entre a verdade oficial e a verdade real.<sup>5</sup> Vemos assim surgir, em cada história e dizer, uma das qualidades mais características de Churchill, a sinceridade. De facto, desde logo, o seu perfil é traçado e mantém-se para sempre fundado na “independência e sinceridade”<sup>6</sup>.

## AMBIÇÃO E OPORTUNISMO

Esta é uma razão que não deve ser descartada e como veremos alguns autores e principalmente os seus contemporâneos acusam-no de ter mudado de partido com base no puro egoísmo, na ambição, no simples interesse próprio.

É verdade que desde o primeiro discurso fez os conservadores murmurarem, desconfiarem e ofenderem-se. Desde aí só foi ganhando fama de oportunista, dissidente, traidor, possuidor duma ambição insaciável e acusado de autopromover-se às custas do partido.

Bourke Cokran avisou-o e aconselhou-o do perigo que poderia advir da sua mudança de partido. Jeremy Havaridi no seu livro *The Greatest Briton* escreve “Undoubtedly there was some truth in the Tory complaints. As a ‘young man in a hurry’, with little prospect of immediate advancement, Churchill was impatient for high office.”<sup>7</sup> Sebastian Haffner escreve ainda mais:

*“Aqui poderá ter residido um dos motivos para a sua decisão: Churchill estava magoado e ofendido – não pode haver dúvidas de que estava zangado pelo facto de os líderes do partido o terem deixado durante três anos em «banho-maria» nos bancos de trás. Almejava um cargo e o poder (não tanto a honra), almejava-os vivamente, e não demorou muito tempo até achar insuportável a sua existência de ocupante dos bancos de trás, limitando-se a sua função a fazer intervenções e a respeitar obedientemente o sentido de voto do seu grupo parlamentar.”<sup>8</sup>*

Ele próprio sabia perfeitamente que muitos iriam acusá-lo: ‘A única dificuldade que antevejo é a suspeita de que sou movido pela mera ambição insatisfeita...’ porém, tinha também a certeza de que abordados certos assuntos como o comércio livre e as taxas alfandegárias ‘essa dificuldade desapareceria’.

## AUMENTO DAS DESPESAS COM EXÉRCITO

Uma das primeiras controvérsias que ia enfurecer os líderes conservadores seria a sua crítica acérrima à proposta de John Brodrick, ministro da guerra, de aumentar 15% as despesas militares. Churchill em vários discursos acusou o aumento de ser desnecessário e ineficaz, de ser um desperdício de dinheiro que não tornaria o exército mais forte<sup>9</sup>. No dia 13 de Maio, Brodrick apresentou a sua emenda no parlamento e Churchill fez uma longa e reflectida crítica lembrando que em 1894 as despesas anuais com o Exército eram de 17 milhões de libras e em 1901 ascendiam a cerca de 30 milhões. Alertou também para a necessidade de fazer renascer ideias de redução, economia e contenção. “O sistema existente deveria ser adaptado, sem mais gastos, para resolver tranquilamente as emergências menores e guerras coloniais.”<sup>10</sup>

Churchill considerava que se se gastasse mais dinheiro público deveria ser na marinha<sup>11</sup> pois o poder e prosperidade de Inglaterra residiam precisamente numa ‘marinha forte’ e no ‘domínio económico dos mercados’. Além disso, Churchill julgava que o aumento dos gastos com o exército iria, também, destruir uma espécie de ‘força moral’, uma ideia generalizada de que Inglaterra era sinónimo de uma pátria assente na paz, na simpatia e na bondade que trabalhava para o bem-estar e felicidade de toda a humanidade. Churchill queria uma Inglaterra forte, mas não baseada na força, que na sua opinião só iria criar a ideia de uma Inglaterra conflituosa e ameaçadora.

## APROXIMAÇÃO AOS LIBERAIS

A oposição liberal aplaudia muitos dos seus discursos em que criticava o seu próprio governo conservador. Começou logo desde os primeiros discursos a receber apoio e felicitações de alguns liberais como um amigo de seu pai, Lord James of Hereford, membro do Gabinete de Salisbury. Se já havia estabelecido laços de amizade com vários líderes liberais esse número só iria aumentar, com a sua entrada na Câmara dos Comuns, quando começa a passar tempo com Lord Rosebery e Asquith, sem falar do seu tio, Lorde Tweedmouth, um antigo ministro liberal, com quem se reunia algumas vezes na companhia de outros ‘imperialistas liberais’ como Haldane e Sir Edward Grey. Obviamente, destes encontros

sempre tão afáveis concluía que muitas das ideias dos imperialistas liberais eram por ele partilhadas, como, por exemplo, a ideia da necessidade de construir uma Inglaterra forte, mas simultaneamente possuidora de uma política social que beneficiasse toda a população e reduzisse a pobreza. Outros nomes vão aparecendo como John Morley, importante reformador liberal, que lhe recomenda o livro de Seebohm Rowntree, *Poverty: A study of town life* que, segundo o próprio Churchill, fortaleceu e reforçou o seu sentido de missão.

Muitos anos mais tarde Churchill escreve sobre estes tempos: “embora eu tivesse o privilégio de encontrar em círculos agradáveis muitos dos líderes conservadores, e fosse sempre tratado com extraordinária amabilidade e bonomia pelo Sr. Balfour; embora visse frequentemente o Sr. Chamberlain e o ouvisse discutir assuntos com a maior liberdade, eu era arrastado firmemente para a esquerda”<sup>12</sup>. E recordou ainda “Eu considerava que Rosebery, Asquith e Grey, e acima de todos John Morley, pareciam compreender os meus pontos de vista muito melhor do que os meus próprios chefes.”<sup>13</sup>

Finalmente a 24 de Outubro de 1903 escreve “Eu sou um liberal inglês”.

## A CONTINUIDADE DA HERANÇA DE SEU PAI

O seu seio familiar era predominantemente conservador e essa foi a razão que o levou a entrar para os conservadores. Churchill admirava o seu pai e apreciava muito o seu trabalho nos conservadores, por isso, não faria sentido que, tratando-se dum jovem inexperiente, ele não seguisse a pegadas dos mais próximos e mais influentes no seu ainda pequeno mundo. Porém é também no seio da sua família, mais precisamente na figura de seu pai, que encontramos uma das razões mais importantes na decisão de mudança de Churchill. O seu pai era o seu ídolo, uma autoridade para ele. Churchill sentia que nunca tinha deixado o seu pai orgulhoso em vida e tinha como missão continuar o caminho herdado de seu pai. Por exemplo, no seu esforço contra o aumento das despesas com o exército cita imensas vezes o seu pai como se fosse sua obrigação prosseguir o trilha traçado por ele<sup>14</sup>.

Também relativamente à criação de uma ala democrática ou progressista do partido conservador Churchill afirma:



“... ambas as possibilidades estão presentes no meu espírito como estiveram no do meu pai toda a sua vida: e quanto mais pondero isto, melhor compreendo uma observação que Lorde Salisbury fez uma vez a meu pai depois da sua demissão, «que esta mudança (e a mudança da democracia tory) virá depois da morte do Sr. Gladstone.»”<sup>15</sup>

“«Os riscos seriam muito grandes e poderiam trazer-me consequências que eu não posso prever; e apenas a convicção de que você [Rosebery] segura a bandeira pela qual o meu pai lutou durante tanto tempo e desastrosamente, me encoraja a arriscar.»”<sup>16</sup>

### O AFASTAMENTO DOS CONSERVADORES

Como já vimos desde os seus primeiros dias Churchill fica conhecido pela sua independência para com o partido (se não mesmo por estar contra este). Nunca apoiou as palavras que Chamberlain proferira “Que sentido tem apoiar o seu próprio governo apenas quando tem razão? É precisamente quando ele se encontra neste tipo de dificuldades que vocês deveriam vir em nossa ajuda”.<sup>17</sup> Para ele a democracia, o parlamento, os partidos era uma forma de aproximação à verdade, e não uma forma dos erros ganharem baseados na lealdade partidária. Isso era algo que ele nunca compreendia. E descobrir que o partido era controlado por alguns que geriam as verdades oficiais, que pretendiam calar opiniões contrárias à sua, era algo que o deixava furioso.

Porém o seu estilo franco e vigoroso ia valer-lhe muitos inimigos, sobretudo no seio do seu partido.

Logo, no verão de 1901, Churchill entra para um grupo de jovens conservadores do Parlamento que estavam insatisfeitos com a política do partido, designados hooligans ou hughligans.

A sua crítica feroz ao partido conservador foi crescendo, passando dos gastos militares à incapacidade do governo utilizar o dinheiro público de forma eficaz e benéfica. De tal forma que fez com que nomeassem uma Comissão Especial de Inquérito da Câmara (da qual acaba por fazer parte) para avaliar se o dinheiro público era gerido eficientemente e considerar se as despesas nacionais podiam ser reduzidas.

Churchill não passava um mês sem entrar em confronto com o partido, votava cada vez mais com os liberais, relatan-

## CHURCHILL SENTIA QUE NUNCA TINHA DEIXADO O SEU PAI ORGULHOSO EM VIDA E TINHA COMO MISSÃO CONTINUAR O CAMINHO HERDADO DE SEU PAI. POR EXEMPLO, NO SEU ESFORÇO CONTRA O AUMENTO DAS DESPESAS COM O EXÉRCITO CITA IMENSAS VEZES O SEU PAI COMO SE FOSSE SUA OBRIGAÇÃO PROSEGUIR O TRILHO TRAÇADO POR ELE.



do a muitos dos seus amigos liberais o que andava a fazer e o que pretendia fazer. A partir de certa altura a mudança não era só previsível mas o mais certo como afirmara depois Chamberlain: “Penso que tem toda a razão, sentindo o que sente, em se ter juntado aos liberais.”<sup>18</sup>

A 24 de Outubro de 1903 afirma: “Odeio o partido tory, os seus homens, as suas palavras e os seus métodos. Não sinto nenhuma espécie de simpatia – por eles – excepto pela minha própria gente de Oldham.”<sup>19</sup>

### COMÉRCIO LIVRE POR OPOSIÇÃO A CHAMBERLAIN E AO PROTECCIONISMO

Considerada por alguns a ‘verdadeira questão’, que o levou a afastar-se por completo dos conservadores e a permanecer 20 anos com os liberais, surge no final de Outubro de 1902, cerca de seis meses depois de Chamberlain proferir as seguintes palavras num jantar que lhe fora oferecido pelo grupo de jovens rebeldes que formavam os Hooligans: “«Tarifas alfandegárias! São a política do futuro, e do futuro próximo. Estudem-nas em pormenor e dominem-nas, e não lamentarão a hospitalidade que me proporcionaram.»”<sup>20</sup>

A controvérsia começou quando o Oldham Chronicle o acusou de ser inconsistente por defender os princípios do comércio livre e simultaneamente apoiar

os impostos conservadores sobre os cereais e sobre o açúcar. Ele defendeu-se afirmando esses impostos eram medidas de emergência apenas para efeitos de rendimento (por exemplo, em tempos de guerra) sem qualquer intenção de proteger os produtos coloniais da competição estrangeira. Porém, a sua opinião sobre todos os impostos serem empecilhos para o comércio livre nunca se alterou.

Um pouco por todo o lado Churchill defendia o comércio livre, falava da competição e da abertura dos mercados do mundo. Os argumentos mais frequentes em favor do comércio livre eram o da eficiência e o da liberdade. Por um lado, todos os bens (sobretudo a alimentação e as matérias-primas) são melhor garantidos através do sistema de comércio livre. Churchill defendia que através da selecção do mercado não só há uma maior variedade de bens como são de boa qualidade e a um preço inferior. O argumento da liberdade defende que cada um deve possuir total liberdade de escolha na obtenção de bens (qualquer impedimento colocado pelo estado ou por terceiros viola a dignidade e liberdade humana).

Além disso, Churchill afirmava, em favor do mercado, que Inglaterra só tinha a ganhar com “as boas e variadas mercadorias que o tráfico mundial oferece e sobretudo considerando que, quanto mais comerciarmos com os outros, mais eles têm de comerciar connosco”. E, por outro lado, atacava o proteccionismo e as tarifas alfandegárias afirmando que a construção de medidas proteccionistas no país levaria inevitavelmente à construção de muros em todo o mundo e geraria uma crescente tensão internacional, económica e política, acompanhada da subida dos preços e do isolamento de Inglaterra.<sup>21</sup> O comércio livre estaria correlacionado com boas relações entre comprador e vendedor (neste caso, entre os estados) enquanto as tarifas com o conflito, com a competitividade agressiva, abrindo caminho ao ódio e à vingança. No fundo, Churchill apenas afirmava a existência duma ligação intrínseca entre o comércio livre e a paz entre nações.

A 15 de Maio de 1903, Chamberlain exigiu o abandono do comércio livre e a aplicação de uma ‘preferência colonial’, ou seja, a criação duma união aduaneira no império (as mercadorias coloniais deviam ser admitidas aos preços normais e as europeias deviam ter a agravação de



# Ensaio

um imposto, tornando-as mais caras e menos desejáveis). É com este cenário que Churchill surge como um dos mais ardentes apoiantes conservadores do comércio livre e simultaneamente o maior opositor de Chamberlain dentro do partido.

“«Oponho-me absolutamente», escreveu Churchill a Balfour a 25 de Maio, «ao que quer que seja que altere o carácter do comércio livre deste país». Uma tentativa de Balfour para preservar «a política e o carácter de comércio livre do Partido Tory atrairia a minha lealdade absoluta». Mas se Balfour tinha decidido apoiar as tarifas alfandegárias, «terei de reconsiderar a minha posição na política.»”<sup>22</sup>

“Era um ‘absurdo económico’, disse Churchill à Câmara, «dizer que o protecționismo significa um maior desenvolvimento de riqueza; e dizer que ele significa uma distribuição mais justa da riqueza é uma ‘completa mentira’».”<sup>23</sup> Churchill acreditava plenamente que se a política de Chamberlain fosse levada por diante o partido tornar-se-ia num tipo totalmente novo de partido, baseado na riqueza, nos impostos e não nas convicções e princípios constitucionais. Churchill julgava haver também uma forte correlação entre o sistema protecționista e um aumento sem precedentes da corrupção (qualquer troca seria uma arena política baseada nas trocas de favores).

Churchill forma então a Liga para Alimentos Livres (depois autodenominada União pelo Comércio Livre) formada por conservadores determinados a manter o partido dedicado ao comércio livre. “«... uma acção determinada agora pode destruir grandemente o chamberlainismo e preservar o carácter de comércio livre do partido tory.»”<sup>24</sup> Porém, após a demissão de Chamberlain, Balfour levou o partido directamente a uma legislação protecționista. E então Churchill não poupa as duras críticas ao protecționismo.

“Tarifas alfandegárias sobre todos os tipos de alimentos eram ‘remédios de charlatão’. Os trabalhadores «devem ver com inalterável desconfiança um plano para reduzir o custo de vida por meio de impostos sobre tudo aquilo que comem». As colónias britânicas «rejeitarão propostas para restringir o seu desenvolvimento económico, tal como as mulheres chinesas fazem aos pés dos seus filhos.»”<sup>25</sup>



CHURCHILL NÃO PASSAVA UM MÊS SEM ENTRAR EM CONFRONTO COM O PARTIDO, VOTAVA CADA VEZ MAIS COM OS LIBERAIS, RELATANDO A MUITOS DOS SEUS AMIGOS LIBERAIS O QUE ANDAVA A FAZER E O QUE PRETENDIA FAZER.



O protecționismo era agora uma realidade, criticá-lo mesmo com argumentos sólidos já não tinha qualquer possibilidade de fazer o processo retroceder e Churchill apercebeu-se de imediato. Passou a ser apenas uma voz contrária à política efectiva do seu partido, numa batalha que se recusava a perder quando muitos outros partilhavam das suas ideias. A sua vontade e dever eram continuar a apoiar o comércio livre junto de quem podia exercer influência, os liberais.

## O TERCEIRO PARTIDO

A ideia de um novo partido surge na luta contra a proposta de aumento da despesa com o exército. No mês de Setembro de 1902, Churchill planeia fazer frente a Brodrick através de uma acção conjunta de um pequeno mas sonoro grupo de membros conservadores e unionistas liberais dispostos a actuar e a votar juntos contra os excessivos gastos militares.

Encontra apoio em Oldham, num importante conservador local, Samuel Smethurst, que compartilhava muitas das suas preocupações. “«É curioso e encorajador», escreveu a Smethurst alguns dias depois, «que nas suas reflexões tenha produzido uma ideia que esteve sempre no meu espírito mas que eu talvez não tenha especificado.»”<sup>26</sup>

Essa ideia era a ‘criação gradual’ de um partido de centro (que reunisse conservadores e liberais), de uma ‘ala democrática ou progressiva’ do partido conservador, que tinha por objectivo, nas palavras de Churchill, ‘infundir vitalidade no corpo-pai’ (ou por outras palavras, fazer com que o partido conservador recuperasse o seu espírito passado) e abrir espaço para uma possível coligação com os liberais. Esta foi na altura a única solução encontrada por Churchill para manter o espírito liberal no Partido Conservador. A solução encontrava-se apenas na aproximação aos liberais.

Churchill pretendia encabeçar uma coligação de centro que começaria por um pacto eleitoral com os liberais nas seguintes eleições. Eles deixariam os então designados Unionistas concorrerem num ou noutro círculo sem um opositor liberal, porém percebe logo que tal compromisso seria muito difícil de encetar. Os liberais só iriam apoiar os Unionistas se eles se apresentassem como candidatos liberais, e isso não podia acontecer.

Nesse momento apenas uma questão separava Churchill dos liberais, o Projecto de Autonomia da Irlanda. Tal como o seu pai opunha-se a este projecto porém pouco a pouco decidiu resolver esta questão propondo um plano de maior controlo irlandês dos seus assuntos.

O problema estava resolvido e a 18 de Abril de 1904 aceita a proposta da Associação Liberal do Noroeste de Manchester para ser candidato nas próximas eleições como candidato especial da Liga para Alimentos Livres.

No dia 31 de Maio tinha-se juntado aos liberais.

## CONCLUSÃO

Churchill nunca esteve com os dois pés inteiramente assentes dentro do partido conservador e, como foi possível observar, a sua caminhada foi desde o primeiro dia uma retirada do único que tinha dentro do partido. Desde logo é compreensível que lealdade e independên-



cia nunca geraram verdadeiramente um conflito para Churchill que sempre optou pela sinceridade, franqueza e independência considerando esse o melhor caminho na busca da verdade. Aliado a estas características vemos um estilo vigoroso, muitas vezes irascível que facilmente criava inimigos.

Considerando as razões acima enunciadas pudemos juntar a aproximação aos liberais com o afastamento aos conservadores como algo que surge naturalmente de alguém que nunca entra inteiramente nos conservadores, e que do outro lado encontrava um porto de abrigo para muitos dos conflitos que gerava em sua casa. Por outro lado, esta aproximação e afastamento expressam-se na prática nas questões que geraram conflito como a guerra dos bóeres, o aumento da despesa no exército, o proteccionismo e as taxas alfandegárias. À parte desta linha encontramos uma outra muito importante que por vezes se cruza com a anterior que é a sua memória do pai. Depois da sua morte uma das coisas

que mais tem presente é a necessidade de continuar a caminhada do seu pai, fazer jus à sua memória e deixá-lo orgulhoso.

Porém, a questão torna-se mais profunda e complexa quando tentamos rotulá-lo de liberal ou conservador. O que era afinal Winston S. Churchill?

“Explicou então à mãe em que consistia essencialmente um programa liberal interno: alargamento do direito de voto a todos os homens adultos, educação universal, igualdade de todas as religiões e um imposto de rendimento progressivo. «Votaria a favor de todos eles.» Nos Negócios Estrangeiros, defendia a não-intervenção na Europa, «mantermo-nos absolutamente desligados – isolados, se preferir». Defender as colónias com «uma poderosa marinha», criar um sistema de defesa imperial. A leste do Suez, contudo «os governos democráticos não podem existir. A Índia deve ser governada segundo os velhos princípios». E acrescentou: «Aqui tem! Este é o credo da democracia tory. Paz e poder no estrangeiro – prosperidade e progresso interior.»”

Características como independência, sinceridade, busca da verdade, luta pela transparência e pelo rigor, vigor e franqueza, podem ser resumidas e sintetizadas no seu amor pela liberdade, valor de base de toda a sua vida que se foi tornando no seu modo de vida. Churchill descobre com todos os conflitos, situações e circunstâncias que lhe são apresentadas ao longo destes anos que podia viver fora partido conservador, mas jamais negaria o liberalismo. Em primeiro lugar, ele considerava-se um liberal por convicção e, até então acreditava poder sê-lo no partido conservador. Mas com a chegada do proteccionismo teria de continuar leal ao seu partido, renunciando ao que de mais puro e sincero tinha em si, uma imensa paixão pela liberdade. E isso para alguém como Churchill seria impraticável. Podemos afirmar, com segurança, que Churchill era um liberal antes de poder ser um conservador, tal como ele disse aos 22 anos, 4 anos antes de entrar para o Parlamento pelos conservadores: “Sou um liberal em tudo, excepto no nome.” ■

## Notas

<sup>1</sup> “...his belief that the harshness of war should be followed by a magnanimous peace, was already well formed (...) ‘If there were persons who rejoiced in this war, and went out with hopes of excitement or the lust of conflict, they have had enough, and more than enough today.’ It should now be made ‘easy and honourable’ for the Boers to surrender.” GILBERT, Martin, Churchill’s Political Philosophy, Oxford: Oxford University Press, 1981, p. 21  
<sup>2</sup> “Assim eu afirmo que enquanto a causa bóer é certamente errada, os bóeres que lutam por ela estão certamente certos. E com maioria de razão o bóeres que lutam por ela com bravura. Se eu tivesse a infelicidade de ser bóer, preferia certamente ser a melhor espécie de bóer.” Gilbert, Martin, Winston Churchill, Lisboa: Bertrand Editora, 2007, p. 118  
<sup>3</sup> Gilbert (1981), p. 17  
<sup>4</sup> Gilbert (2007), p. 121  
<sup>5</sup> “...notei nas três últimas guerras em

que estive envolvido, uma tendência (...) para abafar tudo, para fazer com que tudo pareça o mais justo possível, para dizer aquilo a que chamamos a verdade oficial, para apresentar uma versão da verdade que contém cerca de setenta e cinco por cento do assunto verdadeiro. (...) Logo que uma das forças obtém de alguma maneira a vitória todos os factos feios são aplanados e polidos, as más reputações são apoiadas, e a oficias reconhecidos como incapazes é-lhes permitido aguentarem-se e continuarem nos seus postos na esperança de que no fim da guerra possam ser encaminhados para a vida civil sem escândalo.” Gilbert (2007), p. 118  
<sup>6</sup> Expressão utilizada pelo Daily Chronicle para o caracterizar com base nos seus primeiros discursos.  
<sup>7</sup> Hvardi, Jeremy, The Greatest Briton, London: Shephard – Walwyn Ltd, 2009, p. 28  
<sup>8</sup> Haffner, Sebastian, Winston

Churchill, Lisboa: Expresso, 2011, p. 40  
<sup>9</sup> “Deveria haver maneira de reformar uma negócio, sem ser limitando-se a meter mais dinheiro nele. Há muitas maneiras de esfolar um gato.” Gilbert (2007), p. 119  
<sup>10</sup> Gilbert (2007), p. 120  
<sup>11</sup> “Se se gastasse mais dinheiro público, deveria ser na Marinha, não no Exército. (...) Qualquer perigo que chegue à Grã-Bretanha não será por terra, virá por mar.” Gilbert (2007), p. 119  
<sup>12</sup> Gilbert (2007), p. 121  
<sup>13</sup> Gilbert (2007), p. 123  
<sup>14</sup> “Referiu-se depois ao facto de o seu pai se ter oposto ao aumento das despesas militares, «se me é permitido lembrar um episódio bastante esquecido». Como resultado dele, lembrou à Câmara, o pai tinha «saído para sempre, e com ele parecia ter também caído a causa da redução e da economia, por isso parece que até a própria lembrança

desapareceu e as próprias palavras têm uma ressonância curiosamente antiquada.»” Gilbert (2007), p. 119  
“...ninguém tem mais direito que eu, pois esta é uma causa que herdei, e uma causa pela qual o falecido Lorde Randolph Churchill fez o maior dos sacrifícios que alguma vez foram feitos por um ministro dos tempos modernos.” Gilbert (2007), p. 120  
<sup>15</sup> Gilbert (2007), p. 125  
<sup>16</sup> Gilbert (2007), p. 126  
<sup>17</sup> Gilbert (2007), p. 124  
<sup>18</sup> Gilbert (2007), p. 138  
<sup>19</sup> Gilbert (2007), p. 130  
<sup>20</sup> Gilbert (2007), p. 124  
<sup>21</sup> “Parece-me ser uma política excêntrica esforçarmo-nos por encerrar o Império Britânico numa vedação.” Gilbert (2007), p. 127  
<sup>22</sup> Gilbert (2007), p. 128  
<sup>23</sup> Gilbert (2007), p. 128  
<sup>24</sup> Gilbert (2007), p. 129  
<sup>25</sup> Gilbert (2007), p. 130  
<sup>26</sup> Gilbert (2007), p. 125

## Guia de Leituras

· BLAKE, Robert; Louis, William Roger (eds.), Churchill, Oxford: Oxford University Press, 1993  
· CHURCHILL, Winston S., For Free Trade, Sacramento: The Churchilliana CO., 1977  
· GILBERT, Martin, Winston Churchill, Lisboa: Bertrand Editora, 2007

· GILBERT, Martin, Churchill’s Political Philosophy, Oxford: Oxford University Press, 1981  
· HAFNER, Sebastian, Winston Churchill, Lisboa: Expresso, 2011  
· HAVARDI, Jeremy, The Greatest Briton, London: Shephard – Walwyn Ltd, 2009

